

Orgânicos contra o câncer

Doze anos atrás, José Will, o Zeca, decidiu parar de cultivar tabaco. Agricultor do município de Nova Trento, no interior de Santa Catarina, enfrentou as primeiras dificuldades: na época, apenas ele e sua família plantavam verduras, além de prepararem conservas e geleias com alimentos orgânicos. “Começamos devagar e, aos poucos, a demanda foi aumentando. Meu irmão queria montar uma agroindústria, mas tinha receio.” Zeca chegou a tentar a sorte em Joinville, mas desistiu. “Voltei a trabalhar aqui e fizemos acontecer.” Logo, perceberam que precisariam de outras famílias de agricultores para ajudá-los, porque a demanda crescia. Atualmente, são dez as famílias que trabalham com os Wills, que trocaram a labuta na estufa de fumo pelo trabalho em cinco estufas de hortaliças orgânicas.

Já Antonio Gilmar Cognaco, outro agricultor da região, começou a produzir orgânicos em 2005. Antonio também buscava uma alternativa ao tabaco. Ele e sua família ficaram tão satisfeitos com os resultados que, desde 2007, cultivam apenas alimentos orgânicos (legumes, hortaliças e frutas, parte das quais transformam em geleias e suco de uva). “Hoje, fazemos parte de uma rede com cerca de 20 famílias que atuam na produção e venda de produtos orgânicos. No início, foi muito difícil pensar em como poderíamos vender nossos produtos, pois, com o tabaco, já tínhamos comprador certo e sabíamos mais ou menos quanto renderia. Vendemos em feiras, Cesa [Central de Abastecimento], mercados locais e temos trabalhado

com escolas. Com os orgânicos, nunca temos uma perda muito significativa. E o que sobra, consumimos em nossas casas”, explica o produtor. Antonio chegou a ter quase 200 mil pés de fumo. Agora, cultiva verduras e frutas orgânicas e coordena uma feira agroecológica no município catarinense de Brusque.

“Existe um projeto do governo para priorizar alimentos orgânicos nas escolas, e isso é muito bom, porque garante um mercado para a gente e sabemos o que as nossas crianças estão comendo: alimentos sem veneno”, comemora Gilmar. “Quem trabalha com veneno na plantação muitas vezes usa produtos muito tóxicos e que podem até ser proibidos no Brasil, como o glifosato. Isso faz muito mal para a saúde. Vemos cada vez mais como os plantadores adoecem de câncer e outras doenças”, ressalta.

Esses são apenas dois exemplos da experiência brasileira em diversificação em áreas cultivadas com tabaco. Em meados dos anos 2000, ambas as famílias fizeram a transição do cultivo de fumo para a agroecologia, por meio do Programa Nacional de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco, do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Os resultados têm sido significativos o suficiente para que, no final de março passado, uma comitativa composta por representantes dos governos do Brasil, Uruguai, Jamaica e Filipinas, além de membros do Secretariado da Convenção-Quadro para Controle do Tabaco e da Organização Pan-Americana da Saúde, visitasse as duas propriedades.



COMERCIALIZAÇÃO ECOLÓGICA

Em Santa Catarina, 42 mil famílias vivem do tabaco. Nos últimos 10 anos, 3 mil aderiram a algum projeto de diversificação de cultura, viabilizado por cooperativas e pelo Centro de Estudos de Promoção da Agricultura de Grupos (Cepagro). Atualmente, cerca de 100 são assessoradas pelo Cepagro, que existe há 25 anos e tem na agroecologia sua base. Os projetos em andamento foram selecionados por meio de edital e recebem recursos do Fundo para Reconstituição de Bens Lesados, do Ministério Público de Santa Catarina. Tiveram início em 2014 e têm duração de dois anos, podendo ser prorrogados.

“O ideal seria que os projetos tivessem duração de cinco anos, para que houvesse tempo de o agricultor desenvolver o plano de manejo, sedimentar os canais de comercialização dos orgânicos e saldar as dívidas com a indústria do tabaco”, observa Charles Lamb, técnico agropecuário e coordenador do Cepagro.

Lamb destaca que após a visita às propriedades de Santa Catarina, os representantes do Uruguai já procuraram o Cepagro para obter mais informações sobre como implementar projetos de transição da fumicultura para a agroecologia. “Já temos cooperação com organizações da Alemanha e dos Estados Unidos”, completa.

O produtor Edegar Guginski, também de Santa Catarina, ainda planta tabaco, mas diversifica sua lavoura e obtém renda com plantação de morango e uva, além de fabricação de geleias. O processo se deu com o apoio da Cooperativa de Trabalho e Extensão Rural Terra Viva (Cooptrasc), que firmou contrato com o MDA. Ele também começou a promover atividades de turismo rural em sua propriedade. “Eu não gosto de plantar fumo; prefiro alimentos, como morango, feijão. Antes a gente só plantava tabaco porque não tinha alternativa. Hoje, eu já vivo praticamente do morango. Temos recebido muitas visitas de outros produtores de fumo para conhecer o que temos feito e saber como eles também podem sair do cultivo do tabaco”, diz.



Fotos: Divulgação/MDA

“Para nós foi muito gratificante ver que é possível, sim, ter alternativas à produção de tabaco e de forma alinhada aos princípios da segurança alimentar”, avalia a secretária executiva da Comissão Nacional para a Implementação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco (Conicq), Tania Cavalcante. “Vimos que além de deixar de produzir tabaco para abastecer uma indústria cujo produto final – cigarros, charutos etc. – é altamente letal para a humanidade, os agricultores optaram por cultivar alimentos orgânicos. Com essa iniciativa, primeiro eles derrubaram um mito disseminado no Brasil pela indústria do tabaco durante décadas – o de que nada é tão rentável para o agricultor como produzir tabaco. E segundo, essa iniciativa coordenada pelo Cepagro é a demonstração de que, de forma organizada e responsável, é possível produzir alimentos orgânicos de qualidade em escala para um mercado nacional cada dia mais consciente dos riscos que os agrotóxicos causam para o meio ambiente e para a saúde do consumidor.”

Por isso mesmo, Tania Cavalcante acha estratégica a recente parceria do INCA com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) na Campanha Brasil Saudável e Sustentável, que alerta para o risco do excesso de peso. “O acesso aos produtos é muito importante para que as pessoas possam fazer escolhas saudáveis”, destacou Laura Vasconcelos, do MDS, durante feira orgânica promovida pelo INCA para celebração do Dia Mundial da Saúde (7 de abril). ■